

**A ESCRITA COMO RECURSO TERAPÊUTICO: REFLEXÕES SOBRE  
O FILME *MARY AND MAX***

***WRITING AS A THERAPEUTIC RESOURCE: REFLECTIONS ON THE  
FILME MARY AND MAX***

Karla Oliveira Kian<sup>1</sup>

**RESUMO:** O desenvolvimento das funções psicológicas superiores (como a linguagem, a atenção, a memória, a consciência) é possibilitado pela mediação no processo de socialização dos seres humanos, refutando assim teorias biologizantes sobre o desenvolvimento humano. A atividade é categoria central na apropriação material e simbólica dos bens produzidos pela humanidade. A partir das contribuições do Materialismo Histórico-Dialético e da Psicologia Histórico-Cultural propõe-se uma análise do filme *Mary and Max* (2009) enfatizando a potencialidade da escrita como recurso terapêutico e, portanto, como atividade humanizadora. **Palavras-chave:** Funções Psicológicas Superiores; Linguagem; Neuropsicologia; Atividade; Saúde Mental.

**ABSTRACT:** The development of higher psychological functions (such as language, attention, memory, and consciousness) is made possible by mediation in the process of socialization of human beings, thus refuting biological theories about human development. Activity is a central category in the material and symbolic appropriation of property produced by humanity. Based on the contributions of Historical-Dialectical Materialism and Historical-Cultural Psychology, we propose an analysis of the film “Mary and Max” (2009), emphasizing the potential of writing as a therapeutic resource and, therefore, as a humanizing activity.

**Keywords:** Higher Psychological Functions; Language; Neuropsychology; Activity; Mental Health.

## 1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento das funções psicológicas superiores (linguagem, consciência, pensamento, memória, abstração, imaginação) que diferenciam o ser humano dos animais,

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (2017), especialização pelo Programa de Residência Integrada Multiprofissional na Atenção à Urgência e Emergência da Universidade Estadual de Maringá (2020), mestranda em Psicologia (PPI/UEM). Possui experiência nas políticas públicas de Saúde e de Assistência Social e de docência em Psicologia.

emerge das gradativas revoluções no processo de humanização (o “tornar-se ser humano”)<sup>2</sup> possibilitadas pela atividade trabalho. O trabalho é a categoria fundante do ser humano porque tem caráter originalmente social e cooperativo e também porque o *meio* pelo qual chegam ao seu *fim* (no sentido de finalidade de uma tarefa prática) não obedece à lógica imediata e natural, como no caso dos animais. O comportamento dos animais, mesmo no caso de animais com estágio psíquico relativamente avançado, como os primatas<sup>3</sup>, é voltado para atender a uma necessidade estritamente biológica e imediata, distintamente, no caso do ser humano, suas *ações* não correspondem necessariamente aos motivos biológicos.

O “trabalho humano”, por sua vez, pressupõe a intencionalidade da atividade, conforme exemplifica Leontiev (2004): enquanto um sujeito assusta a presa, o outro à espreita aguardando o momento certo para apanhá-la. Há um *sentido* que liga as ações isoladas numa relação social e assim possibilita a realização de uma atividade. O trabalho, enquanto principal atividade do ser humano, determina a vida dos sujeitos em todos os seus aspectos, e, por isso, diferentes formas de organização do trabalho corresponderão a diferentes modos de relações sociais, valores morais, política, religião, da própria consciência humana e da personalidade.

A partir da animação australiana *Mary and Max* (2009) é possível analisar temáticas pertinentes à psicologia como as relações sociais em diferentes contextos, da subjetividade e das condições de trabalho, desenvolvimento humano, saúde mental, sofrimento psíquico, adoecimento, suicídio, abordagens terapêuticas e o luto. No presente estudo, todavia, o foco da discussão tomará como referência o papel do signo no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, tomando como premissa o fato de que

A linguagem é apropriada pelas interações sociais e desenvolve novas formas de organizar as funções psíquicas ao permitir a representação dos objetos mediante a palavra. Esse processo desenrola-se ao longo do desenvolvimento da criança na infância, à medida que faz a apropriação da função simbólica da palavra (Mendonça, 2017, p. 28).

---

<sup>2</sup>O homem nasce hominizado, ou seja, com predisposições biológicas a tornar-se ser humano, mas só torna-se um ser social no processo de humanização, pela cultura.

<sup>3</sup> Leontiev (2004) baseia-se nos experimentos com símios antropóides de Köhler e K. Bühler para compreender o desenvolvimento do psiquismo humano, comparando-os.

O psiquismo, enquanto reflexo subjetivo da realidade objetiva, é um processo de apropriação no sentido de “tomar posse” de algo pré-existente que não se encontra no organismo do sujeito, ou seja, não são as condições inatas que determinam as possibilidades de apropriação da linguagem. Para compreensão da linguagem como unidade considera-se a especialização das funções psíquicas e, por consequência, especializamos a estrutura do próprio cérebro (Luria, 1991).

### 1.1. A história por trás da obra

Adam Elliot nasceu em 2 de janeiro de 1972 na Austrália. A animação *Mary and Max*, escrita e dirigida por ele foi inspirada em sua história: por cerca de 20 anos Elliot trocou correspondências com um amigo, morador de Nova York, e diagnosticado com Síndrome de Asperger. O produtor utiliza a técnica *Stop Motion* a qual é realizada através da “(...) disposição sequencial de fotografias diferentes de um mesmo objeto inanimado para simular o seu movimento. Estas fotografias são chamadas de quadros e normalmente são tiradas de um mesmo ponto, com o objeto sofrendo uma leve mudança de lugar, afinal é isso que dá a ideia de movimento”<sup>4</sup>.

### 1.2. Sinopse

Mary Daisy Dinkle (Toni Collette) é uma menina solitária de oito anos, que vive em Melbourne, na Austrália. Max Jerry Horovitz (Philip Seymour Hoffman) tem 44 anos e vive em Nova York. Obeso e também solitário, ele tem Síndrome de Asperger. Mesmo com tamanha distância e a diferença de idade existente entre eles, Mary e Max desenvolvem uma forte amizade, que transcorre de acordo com os altos e baixos da vida<sup>5</sup>.

### 1.3. Ficha Catalográfica<sup>6</sup>

- Título original: *Mary and Max*;
- Gênero: Drama animado;
- Realização e argumento: Adam Elliot;

<sup>4</sup> Fonte: <https://www.tecmundo.com.br/player-de-video/2247-o-que-e-stop-motion-.htm> .

<sup>5</sup> Fonte: Adoro cinema. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-139621/> .

<sup>6</sup> Fonte: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/10/16/mary-e-max-r-uma-amizade-diferente> .

- Produtora: Melanie Coombs;
- Direção artística: Adam Elliot;
- Direção de animação: Darren Burgess;
- Vozes: Toni Collette (Mary); Philip Seymour Hoffman (Max); Barry Humphries (narrador); Eric Bana (Damien); Bethany Whitmore (Mary criança);
- Direção de fotografia: Gerald Thompson;
- Pós-produção: Henry Karjalainen;
- Desenho de som: Peter Walker;
- Classificação: Livre.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1. O psiquismo como imagem subjetiva da realidade objetiva: pressupostos**

Na análise da sociedade de produção capitalista, Marx (2013) explicita que a aparência (produto final) das relações diverge de sua essência (processo de produção). A partir do materialismo histórico-dialético, a Nova Psicologia, teorizada por Vygotski (1995) e por seus sucessores (Luria, 2004; Leontiev, 2004), propõe uma alternativa às correntes psicológicas que sobrepunham o biológico ao psicológico ou que recaíam no psicologismo puro, negligenciando a esfera biológica do psiquismo.

O processo de humanização, isto é, o “tornar-se humano” é essencialmente social e histórico. Primeiramente porque nenhum ser pode existir isoladamente (como em um “solipsismo ontogênico” hipotético), ele nasce condenado à existência coletiva. Segundo porque o contexto dessas existências e relações é, necessariamente, parte de uma continuidade, de desdobramentos de existências e relações anteriores. Nas palavras de Vygotski (2004):

Como um indivíduo só existe como um ser social, como um membro de algum grupo social em cujo contexto ele segue a estrada do desenvolvimento histórico, a composição de sua personalidade e a estrutura de seu comportamento reveste-se de um caráter dependente da evolução social cujos aspectos principais são determinados pelo grupo (s/p).

A compreensão de tal condição, portanto, é basilar para a diferenciação entre seres humanos e animais, a condição social e histórica do homem é condição e também consequência de seu desenvolvimento superior, o que não implica na negligência ou negação de sua base biológica, e sim por sua superação, com a ressalva etimológica apresentada por Vygotski:

Os processos e as leis inferiores, elementares, que os governam são categorias superadas. Hegel disse que há que se reconhecer o duplo significado da expressão alemã “*snimat* (superar)”. Entendemos essa palavra em primeiro lugar como “*ustranit* – eliminar”, “*otritsat* – negar” e dizemos, segundo isso, que as leis estão anuladas, “*uprazdneni* – suprimidas”, mas essa mesma palavra significa também “*sojranit* – conservar” (...) O duplo significado do termo “*snimat* - superar” se transfere bem ao idioma russo com ajuda da palavra “*sjoronit* – esconder e enterrar”, que também tem sentido negativo e positivo – destruição ou conservação (Vygotski, 1995, p. 118, grifo no original).

Destarte, as funções psíquicas do tipo superior coexistem com as funções elementares. A constituição do psiquismo humano como uma forma mais elevada de organização supera as limitações do comportamento animal: de sua relação direta com os motivos biológicos, do comportamento motivado (e limitado) por questões perceptíveis no campo imediato ou por vestígios de experiência anterior e pela limitação das fontes geradoras do comportamento.

Todo indivíduo nasce hominizado, isto é, com a potência de alcançar as formas mais evoluídas das funções psíquicas, mas é apenas pela categoria *mediação* que o indivíduo poderá se apropriar dos instrumentos, materiais e simbólicos, já desenvolvidos pela humanidade e, a partir dessa internalização, tornar-se humano.

(...) o essencial quando da passagem à humanidade, está na modificação das leis que presidem o desenvolvimento do psiquismo. No mundo animal, as leis gerais que governam as leis do desenvolvimento psíquico são as da evolução biológica; quando se chega ao homem, o psiquismo submete-se às leis do desenvolvimento sócio-histórico (Leontiev, 2004, p. 68).

O cérebro enquanto um *aparelho complexo altamente diferenciado* é o substrato material do psiquismo humano. As relações entre a neurobiologia e a neuropsicologia devem ser analisadas de modo a compreender o neurodesenvolvimento em unidade, pois apenas a tese biológica não justifica o desenvolvimento do psiquismo, assim como apenas o

neurocomportamento não é suficiente. Propondo uma alternativa à tradição “localizacionista”, que buscou relacionar as “faculdades mentais” a determinados órgãos ou a determinadas regiões cerebrais, e à sua oposição denominada “antilocacionistas”, que negligenciavam a relação com a base biológica do comportamento, Luria (1991) definiu que “a saída para essa crise estava relacionada com a revisão radical do conceito de ‘funções psíquicas’ e com a mudança radical dos principais enfoques dos princípios da ‘localização’ cerebral dessas ‘funções’” (p. 89, grifos do autor).

Nessa perspectiva, como afirma Vygotski (1997), não se trata de compreender o todo como a soma de suas partes, nem suas partes apartadas do todo. Na compreensão do psiquismo humano como um sistema interfuncional, base do desenvolvimento das funções complexas, não são as funções, isoladamente, que passam por radicais modificações, mas a relação entre as diferentes funções que as provocam.

## **2.2. Notas sobre o contexto da obra *Mary and Max***

Em consonância com a perspectiva teórica assumida, considera-se que, para análise de um determinado fenômeno o ponto de partida é o contexto social e histórico no qual ele está inserido. Na atual sociedade, organizada no modo de produção capitalista, a divisão social do trabalho significa a divisão da própria classe trabalhadora: entre seus pares, com o processo de trabalho, com o produto de seu trabalho e, inclusive, com seu próprio gênero humano (Vygotski, 2004).

Na trama é possível observar as relações e a divisão social do trabalho e a forma de organização social. Norman, pai de Mary, trabalhou por décadas como operário, numa fábrica de chá, realizando ações mecânicas e repetitivas determinadas por uma máquina. Responsável pelo sustento de sua família nuclear, não demonstra envolvimento com as questões pertinentes ao âmbito doméstico e familiar, retratado de forma apática e alheia à vida de sua esposa ou filha, mantendo como atividade de lazer a taxidermia de aves. Max, por sua vez, descreve que teve diversos empregos, sendo atendente no metrô (recolhendo bilhetes), gari e operário (como o pai de Mary). Tais atividades laborais compartilham de seu lugar na divisão social do trabalho, como trabalho manual, e mantém, em seus processos de trabalho ações esvaziadas de sentido e mediações.

Destacando o período que serve de pano de fundo para a história em análise neste estudo: final da década de 1970, período no qual a forma de comunicação e suas necessidades eram muito distintas da atual, na era digital. Esse fato se torna central considerando que a trama se desenvolve a partir da troca de cartas por correspondência. Mary as escreve manualmente, Max utiliza uma máquina de escrever. A comparação entre os dois momentos históricos revela a imensa diferença da relação de uma criança com a atividade de estudo e com as interações sociais. Na contemporaneidade, o uso quase ilimitado do aparelho celular com internet<sup>7</sup> pelas crianças lhe permite o acesso a uma quantidade excessiva de informações, mas que não significa a apropriação de conteúdos e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. A crítica não se refere às tecnologias em si, que também são importantes ferramentas para as atividades de ensino-aprendizagem, mas ao esvaziamento do significado desses recursos e da ausência de mediação nessa relação.

Observa-se que características geográficas são consideradas na estética da obra: Nova York, como uma grande metrópole, é retratada em tons de cinza enquanto Mount Waverley, uma pequena cidade interiorana, é retratada em tons acastanhados. Alguns objetos, representados de forma colorida, remetem ao investimento afetivo.

### **2.3. Apontamentos sobre o psiquismo de Mary e de Max**

No início da trama, Mary tem oito anos de idade, reside com os pais em Mount Waverly na Austrália, sofre situações de violência na escola, deseja ter amigos, gostaria de ter irmãos e que seu pai, um operário, passasse mais tempo com ela. Sua mãe faz uso abusivo de álcool e realiza pequenos furtos no comércio local. A mãe lhe dissera, certa vez, que ela foi um “acidente”, referindo-se à gestação indesejada. Seu avô, com quem tinha importante vínculo, falecera no ano anterior. Expressa sentimentos de menos-valia e baixo autoestima. Não apresenta déficits de memória ou atenção, pensamento e discurso organizados, apropriados para a fase do desenvolvimento. Constrói brinquedos utilizando materiais do cotidiano (embalagens e restos de comida), assiste televisão e brinca com seu galo de

---

<sup>7</sup> O exemplo não desconsidera que uma parcela significativa da população mundial, infantil e adulta, não tem acesso às tecnologias da informação, sendo esta segmentação de classe escancarada, sobretudo, com a explosão do ensino a distância especialmente após o início da pandemia de Covid-19 em 2020.

estimação como atividades de lazer. Mary imagina se casar e viver num castelo quando for adulta.

Max é um homem de 44 anos, que vive só num apartamento em Nova York, não trabalha nem possui atividades do lazer além da televisão. Seus objetivos (projetos) de vida são: “ter amigos, toda a coleção de Noblets [personagens de desenho animado] e um estoque de chocolate infinito”. Tem diagnóstico de deficiência intelectual (e, posteriormente, recebe o diagnóstico de Síndrome de Aspergers), apresenta comportamentos obsessivos, realiza acompanhamento psiquiátrico com o uso de psicofármacos e frequenta um grupo de apoio para sua compulsão alimentar. Tem insônia e certos contextos lhe desencadeiam crises de ansiedade.

Assim como Mary, Max é solitário e deseja ter amigos. Expressa dificuldade em compreender sinais não verbais, incluindo o reconhecimento de expressões faciais. Apresenta habilidades com cálculos. Max tem um amigo imaginário (descrito como um delírio?!) e domina recursos e estratégias para lidar com contextos que lhe geram ansiedade. Após diagnóstico de Síndrome de Aspergers, descreve características (autopercepção): percepção do mundo como caótico e confuso, “mente literal”; dificuldade de compreender a expressão facial das pessoas (para a qual utiliza o recurso do livro com desenhos e respectivos significados); alteração psicomotricidade; altas habilidades (sobretudo, para resolução de problemas matemáticos); dificuldade de se relacionar.

Quanto à sua história de vida, vivenciou abandono paterno aos quatro anos de idade, e, aos seis, o suicídio de sua mãe. De família judia, tornou-se ateu. Assim como passou a questionar a religião, quanto à sua função e aos seus fundamentos, também se questiona quanto às normas sociais e a lógica de produção de vida da sociedade atual: “Os humanos como ilógicos: por que jogam alimentos fora se há crianças passando fome? Por que desmatam florestas tropicais se precisam de oxigênio?” A este respeito, Max remonta à discussão sobre a produção de valores, de uso e de troca, na sociedade capitalista na qual as necessidades do mercado são sobrepostas às necessidades humanas.

Tanto na análise de processos educativos, de ensino-aprendizagem, quanto em processos voltados para a saúde, no contexto terapêutico, considera-se que “(...) as habilidades constituídas na ontogênese pelos indivíduos produzem diferentes processos mentais de funcionamento dinâmico, dos quais participam diferentes níveis do cérebro humano”



(Mendonça, 2017, p. 28). Por esse motivo, é fundamental tomar como referência a materialidade das condições, promotoras ou limitadoras, das funções psíquicas superiores, e, também nesta relação, tem-se a chave para a compreensão das situações em que este produto (e desenvolvimento) é considerado “anormal”.

Para a compreensão do psiquismo humano enquanto um sistema interfuncional complexo é importante conhecer, a princípio, sua organização material. A condição filogenética só se desenvolverá a partir da ontogênese, pois é a partir da apresentação de estímulos culturalmente produzidos, e, portanto, externos ao sujeito, que o cérebro vai se especializando. A sensopercepção, a psicomotricidade, o equilíbrio entre outras competências, tipicamente humanas, não são inatas, mas fruto de arranjos sociais e culturais como respostas de desequilíbrios entre o ser e o meio externo, desde o nascimento da criança. Luria (1991) explicita essa relação ao identificar a existência de um lado dominante no cérebro humano, como consequência do uso de instrumentos na atividade de trabalho:

Se os dois hemisférios dos animais são equivalentes, no homem um deles (via de regra, o hemisfério esquerdo) é dominante e o outro, dominado. Ao que parece, o caráter dominante do hemisfério esquerdo começou com o surgimento do trabalho e o destaque do braço direito como executor do papel principal na atividade de trabalho. Por isto o hemisfério esquerdo desempenha papel dominante nos destros, enquanto nos canhotos o papel dominante oblitera-se ou passa para o hemisfério direito (p. 113).

No estudo sobre o funcionamento do cérebro, Luria (1991) identificou a existência de três “blocos” principais, sendo: o primeiro particularmente relacionado à região límbica (área acentuada de reações emocionais) e ao estado de vigília da consciência (tônus geral); o segundo no qual se localizam neurônios altamente especializados (diretamente relacionados aos sistemas visual, auditivo e tátil); e, por fim, o terceiro relacionado à tarefa intelectual e ao autocontrole da conduta. A indissociável relação entre o psicofisiológico é representado na obra em tela em diversos momentos: as alterações emocionais e respostas fisiológicas de Max diante das leituras da carta de Mary (na primeira, por se tratar de uma experiência nova e estressante e, posteriormente, quando o conteúdo da carta lhe remete à memória de vivências de violência e sofrimento). Mary também pensa (imagina) em uma situação triste para ter como resposta emocional ao sentimento de tristeza, suas lágrimas, a fim de presentear Max.

Ao propor a lei genética geral do desenvolvimento cultural, Vygotski (1995) afirma que “detrás de todas as funções superiores e suas relações se encontram geneticamente as relações sociais, as autênticas relações humanas” (p. 150). Toda função psicológica superior, antes de se tornar uma categoria intrapsíquica é categoria interpsíquica. Dialeticamente, esse movimento modifica o próprio processo e transforma sua estrutura e funções. Compreende-se, portanto, que é possível falar especificamente de cada função psicológica superior e que todas são carregadas de especificidades. Todavia, de certo modo, essa separação tem função didática, pois no desenvolvimento de uma há a modificação e a participação de todas elas, em alguma medida.

No início da vida, o ser se encontra no período de máxima sociabilidade, pois depende totalmente de outros seres para sobreviver, e, simultaneamente, na mínima possibilidade de comunicação. No primeiro ano de vida há a predominância do primeiro bloco e a consciência é sensorial e perceptiva. “Sensação e percepção representam os modos primários do reflexo da realidade” (Martins, 2013, p. 103).

#### **2.4. A leitura e a escrita como recurso terapêutico**

A consciência é a forma mais elaborada do psiquismo humano e existe desde o início do desenvolvimento da criança, todavia, transforma-se radicalmente até a vida adulta. À medida que o sujeito se apropria de recursos psíquicos ele vai tomando consciência de sua realidade. Não é possível ter consciência daquilo que não se conhece ou se vivencia. Não será, portanto, a idade ou o aspecto maturativo do cérebro que promoverá o desenvolvimento da criança e sim a sua vivência e a qualidade de suas relações: as possibilidades concretas de apropriação dos bens já produzidos pela humanidade (Martins, 2013). Pontua-se a diferença entre o pensamento do adulto (intelectual) e da criança (comparado ao primitivo) quanto à compreensão da necessidade de que o signo seja/é fundamentalmente social, ao criar neologismos (a partir de observações de situações cotidianas), Max reconhece a necessidade de que suas novas palavras sejam incluídas no dicionário para que sejam de fato, palavras.

A atividade é mobilizada por uma necessidade somada a um objetivo, ela se caracteriza como uma ação dirigida a um fim (que inclui um objeto ideal e um plano de ação) que resulta na transformação (e não mera adaptação) da natureza, com o uso de um

instrumento (o qual carrega objetivações de atividades anteriores). A atividade guia (ou dominante), por sua vez, tem como resultado uma neoformação. “A atividade dominante é, portanto, aquela cujo desenvolvimento condiciona as principais mudanças nos processos psíquicos da criança e as particularidades psicológicas de sua personalidade num dado estágio do seu desenvolvimento” (Leontiev, 2004, p. 293).

Destarte, cabe aos responsáveis pela socialização da criança (pais, responsáveis, a escola com destaque à sua função social) proporcionar condições que favoreçam a gênese de necessidades e motivos na criança para a apropriação da leitura e da escrita. Assim, destaca-se que o primeiro motivo pelo qual Mary decide escrever a um norte-americano é o despertar do interesse em conhecer a forma de vida das pessoas nos Estados Unidos: “As pessoas tinham nomes estranhos na América (...) Ela imaginava como eles seriam... Quantos anos tinham? Se eram casados, se usavam óculos ou se achavam bebês na cerveja...” Entre os motivos e necessidades que mobilizaram Mary a continuar se correspondendo com Max se encontrava a busca pela compreensão, pois “Muitas coisas eram um enigma para Mary”, tanto em relação às suas vivências quanto ao conhecimento sobre o mundo: “ela não compreendia o motivo da morte do avô, o porquê sua mãe ‘pegava coisas emprestadas’; Mary desejava compreender o amor. Fazia diversas perguntas: “As ovelhas encolhem quando chove? Por que os homens velhos usam calças tão altas? E se um táxi andar para trás, é o taxista que deve pagar?”

O processo de apropriação da leitura e da escrita, por sua vez, é uma ação complexa:

Para escrever uma palavra, devemos discriminar antes de tudo os sons que integram a sua composição, noutros termos, devemos fazer a sua *análise acústica*, decompondo fluxo permanente de sons nas unidades sonoras componentes da língua – os “fonemas” (...) Somente depois desse trabalho prévio a composição sonora da palavra se considera definida e a palavra pronta para o registro. Aqui o processo da escrita passa à fase seguinte: os elementos sonoros (“fonemas”) devem ser recodificados em elementos motor-visuais da escrita (“grafemas”). Para executar essa ação é necessário dispor tanto de um esquema a correta disposição destes no espaço. No entanto, a escrita não termina nesse processo. Ela representa um complexo programa de movimentos, nos quais um elo deve incorporar-se harmoniosamente ao seguinte. O cumprimento dessa condição exige a inclusão de dispositivos inteiramente diferentes, sem os quais a escrita harmoniosa se torna impossível. Por último, o processo da escrita deve sempre estar sujeito a uma tarefa geral (escrever uma frase, uma carta, expor uma ideia, etc.) e só com a sólida manutenção desse programa correspondente a necessária tarefa pode ser cumprida (Luria, 1991, p. 90).

Na atividade de escrita de Mary e Max, de modo geral, podemos concluir: a carta (objeto), a comunicação (finalidade), a relação social/afetiva e a apropriação de novos conhecimentos (motivos) e a escrita/redação da carta (ações e operações), tomando como premissa, ainda, que toda atividade é uma necessidade. Nessa relação, Leontiev (1978) afirma que “(...) o deslocamento dos motivos para os fins das ações permite compreender psicologicamente como novas necessidades podem aparecer e como se transforma o seu tipo de desenvolvimento” (p. 107).

O fato psicológico decisivo consiste no deslocamento dos motivos de uma ação para os fins que precisamente não respondem diretamente às necessidades biológicas naturais. É especialmente o caso dos motivos de cognição, que aparecem posteriormente. O conhecimento, como fim consciente de uma ação, pode ser estimulado por um motivo que responde à necessidade natural de qualquer coisa. Mas a transformação deste fim em motivo é também a criação de uma necessidade nova, neste caso de uma necessidade de conhecimento (Leontiev, 2004, p. 108).

É possível observar no desenvolvimento da trama que a atividade de escrita de cartas, tanto para Mary quanto para Max, delinea novos motivos, a exemplo: expressam emoções e sentimentos; falam sobre si (referem-se à autoimagem, a percepção de si, aos gostos pessoais, às relações familiares e sociais); buscam a resposta para perguntas (sobre conhecimentos diversos, sobre suas vivências e sobre a vida); descrevem ideias e soluções a problemas (situações cotidianas compartilhadas entre eles). Além disso, destaca-se ainda a função da escrita em outros contextos ilustrados na obra: a escrita de um poema como estratégia de elaboração do luto (na homenagem ao avô de Mary em seu funeral); o uso de figura de linguagem (metáfora da vida como uma calçada); da expressão da linguagem por meio do desenho (como recurso pré-linguístico) e por meio da fotografia (sendo a arte uma especial forma de expressão, não verbal nesse caso).

A compreensão da função terapêutica da escrita e, desse modo, de sua potencialidade enquanto recurso terapêutico incide, primeiramente, por sua característica organizadora do pensamento, por definição. Desse modo, propicia-se a construção de novas estratégias de enfrentamento e recursos psíquicos: Max aprendeu a identificar sinais de crises e formas de contorná-las, também criou um recurso (livro com imagens e significados) para lhe auxiliar na

compreensão de emoções e humor de outras pessoas. Ao fazer o uso da linguagem por meio da escrita (foco da obra em tela) ou mesmo da verbalização (como em uma conversa com um amigo ou em um contexto psicoterapêutico) o sujeito expressa emoções e organiza sentimentos, além da fundamental condição de mediação, própria das relações humanas. Na situação de rompimento de vínculo entre Mary e Max, ela vivencia um “sentimento de vazio”<sup>8</sup>.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo de uma breve retomada dos pressupostos epistemológicos da Psicologia Histórico-Cultural com a proposta de discussão de conceitos a partir da análise de um filme, destaca-se o caráter humanizador do *signo*. Assim como a ferramenta de trabalho revolucionou a condição da atividade trabalho, o signo, enquanto instrumento simbólico, revolucionou o psiquismo humano. O instrumento, concreto ou simbólico, carrega, em sua essência, a objetivação de trabalhos anteriores.

A partir da apropriação da linguagem o sujeito tem a significativa ampliação de possibilidades de desenvolvimento e de novas apropriações, do desenvolvimento de seu psiquismo, do pensamento intelectual, de novas relações sociais e habilidades. Destaca-se, assim, a função social da escola na transmissão de conhecimentos científicos às crianças, visando seu máximo desenvolvimento humano. Na condição atual da educação brasileira, observa-se a necessidade de radical transformação da instituição escolar: desde os princípios epistemológicos (ou a falta deles) que orientam a forma de professores e das políticas educacionais, até a assunção ética e política da educação pública.

Compreendendo, portanto, os processos de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita em sua dimensão intrinsecamente ética e política, ressalta-se que o analfabetismo é um importante fator vulnerabilidade social, pois dificulta (quando não impede) o acesso a direitos e propicia à violação deles. Além disso, no âmbito da atuação em saúde, por diversas vezes, a leitura e a escrita se configuraram/configuram como potentes recursos e estratégias

---

<sup>8</sup> A Patopsicologia Experimental de Zeigarnik é uma disciplina psicológica que se contrapõe à psiquiatria tradicional. Nessa perspectiva teórica, o adoecimento psíquico é compreendido a partir do desenvolvimento “normal” e “anormal” das funções psicológicas superiores, na relação de hierarquia de motivos e necessidades na atividade dos sujeitos (SILVA, 2014).

terapêuticas, a citar: no uso de músicas e poesias como objetos de intervenções individuais e grupais (a partir do significado de uma obra de arte em direção ao sentido e à ressignificação de sentimentos e vivências, por exemplo); na escrita como forma de organização do pensamento, descrição de sentimentos e expressão de emoções (no formato de diários, cartas, músicas, poesias, entre outros) e na construção do vínculo. Tais recursos apresentam grande potencial em diferentes contextos (Urgência e Emergência, Atenção Básica, Serviços de Alta Complexidade, Grupos de Reabilitação, etc.), com usuários e usuárias dos serviços de diferentes faixas etárias e diferentes demandas de saúde.

Por fim, retomando a proposta de reflexões a partir da obra “Mary and Max”, observamos o caráter metalinguístico desta atividade de escrita, na reflexão acerca da finalidade, dos motivos e das ações necessárias e pertinentes a ela.

## **REFERÊNCIAS**

FRANCO, A., MARTINS, L. O gesto é a escrita no ar: representação ideativa de palavra e apropriação da escrita em Vigotski. **Revista Contrapontos**. 20(1), 121-137.  
doi:<https://doi.org/10.14210/contrapontos.v20n1.p121-137>

LEONTIEV, A. N. **O homem e a cultura**. In: Leontiev, A. N. O desenvolvimento do psiquismo. São Paulo: Centauro, 2004.

LURIA, A.R. **Curso de Psicologia Geral: introdução evolucionista à psicologia**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, V.1, 1991.

MARTINS, L. M. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2013.

MARX, K. **O Capital, volume 1**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MENDONÇA, F. W. **A organização da atividade de ensino como processo formativo do professor alfabetizador: contribuições da teoria histórico-cultural**. n° de folhas (247 f.). Tese de Doutorado (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, 2017.

SILVA, M.A.S. **Compreensão do adoecimento psíquico: de L. S. Vigotski à Patopsicologia Experimental de Bluma V. Zeigarnik**. 2014. 256 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

VYGOTSKI, L. S. **A construção do Pensamento e da Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas. Tomo III.** Madrid: Visor, 1995.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas. Tomo IV.** Madrid: Visor, 1996.

VYGOTSKI, L.S.; LURIA, A.R., **El instrumento y el signo en el desarrollo del niño.** **Fundacion Infancia y aprendizaje,** Buenos Aires 2007.

VYGOTSKI, L. **A transformação socialista do homem** (tradução de Nilson Dória). Recuperado (trabalho original publicado em 1930), 2004.

VYGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R. **A criança e seu comportamento.** In:

Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e a criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira.